



Revista Pai Inácio de Literatura e Arte



Universidade Estadual de Feira de Santana
Campus Avançado da Chapada Diamantina

Contos

ARACÊ, O ACENDEADOR DE ESTRELAS

©DANIELE FARIA TEIXEIRA SAMPAIO VILAR (MUCUGÊ-BA)

Num certo tempo, no espaço específico de uma pequena aldeia imersa em densa floresta, é de onde começo a contar essa história, incrível história de um índio, o pequeno grande índio, Aracê. Nesse cenário esverdeado, vive a Tribo do Sol, tribo que abriga um povo que realizava suas atividades diárias conforme a trajetória que o Sol fazia no céu. Todo filho dessa tribo acordava quando o Sol nascia, e se recolhia, e adormecia, quando o Sol se punha entre as serras. Era a rotina tradicional, viva como a própria existência da aldeia, nem o mais velho ancião sabia como esse movimento iniciou, mas era assim a vida e assim se vivia. A tribo sobrevivia dos alimentos cultivados na terra e pescados do rio que banhava a pequena aldeia, tudo sob a luz do Sol. Tudo funcionava no período entre o nascer e o pôr do Sol.

Certo dia, nasceu nessa tribo um menino, ao qual foi dado o nome de Aracê, que significa na língua indígena “nascido do dia”. Aracê era um belo menino, e cresceu forte, acompanhando a movimento solar da vida da aldeia. Mas, por volta dos seus 12 anos, Aracê começou a apresentar costumes diferentes, não acompanhava tanto a rotina vital da tribo, e isso causou uma certa estranheza à mãe, a família de Aracê, pois nunca havia acontecido algo parecido com algum filho da Tribo do Sol. Aracê era despertado toda manhã pela mãe, com muita dificuldade, e acordava sem muito entusiasmo, para ele os sonhos eram mais interessantes, mais cheio de novidades do que aquelas atividades rotineiras da Aldeia, entre o nascer e o pôr do Sol.

Como a vida nesta aldeia acontecia sob a luz do Sol, os mais antigos diziam que se o Sol passasse por cima do espírito dormindo, ou seja, se após o meio dia a pessoa não tivesse acordado, essa deveria viver fora da tribo. Na noite, portanto. Era a Lei, porém a origem dessa era desconhecida, mas era uma lei determinada e que todos tinham conhecimento naquela Aldeia.

Num certo dia, apesar de sua mãe fazer diversas tentativas, Aracê continuou dormindo após o meio do dia, após o ponto alto do Sol. A notícia logo chegou aos ouvidos do ancião e o mesmo trouxe a sentença guardada, há muito tempo guardada. Aracê foi sentenciado a viver fora da tribo, seus costumes já não condiziam com as leis vitais da aldeia. A atitude de Aracê foi tida como uma doença, que deveria ser curada de imediato. Era uma grande falta de obediência não seguir a luz do Sol, era como se a noite estivesse tomando conta do espírito de Aracê. Nenhum índio da tribo tinha visto e nem sabia explicar o que era a noite. Só se ouvia dos mais velhos, que aprenderam de antepassados, que a noite era um estado de ausência de obediência, ausência de luz, ausência do Pai Sol em sua Plenitude, e era o momento em que as criaturas que ignoravam a sua Luz preferiam se esconder sob a escuridão. Por ser a primeira vez que isso ocorreu na aldeia, na Tribo do Sol, o ancião teria que determinar o tempo que duraria a sentença, como iria ocorrer e onde Aracê iria ficar.

Toda a tribo foi mobilizada a construir uma pequena oca para Aracê, pois apesar de sentenciado, Aracê continuava sendo um irmão, filho da Tribo do Sol. No dia seguinte, com a oca já construída em local distante da área da Aldeia, em boas condições para viver próximo a um riacho, foram dados ao jovem índio alguma comida, que durasse até ele iniciar um arado, e uma lança grande e afiada, já que ele poderia enfrentar as criaturas da noite sem a proteção maior da irmandade da Tribo. A mãe de Aracê abraçou-o fortemente, desejou-lhe coragem e disse que dali a seis anos, quando completasse dezoito

anos, período determinado pelo ancião, ela estaria esperando por ele; pediu ainda que ele tentasse se adequar a viver sob o movimento do Sol, pois isso traria Luz, disciplina e ordem para sua vida. O filho ouviu atentamente as palavras da mãe, cumprimentou o ancião e entrou em sua oca com seu pesar no meio do peito.

Aracê não esperou muito para enfrentar o seu destino, assim que o Sol se pôs, saiu da oca com a lança na mão e sentou-se numa pedra em frente à oca, para ver o que acontecia no período de falta do Sol, no período que denominavam “a noite”. Com os sentidos apurados pela coragem ou pelo medo, Aracê sentiu a diferença da brisa e viu um véu escuro tomar todo o céu. Neste momento, sons desconhecidos inundaram os ouvidos de Aracê. Animais de espécies e tamanhos diferentes, alguns decerto assustadores, eram protagonistas de um concerto que em nenhum dia sob a Luz do Sol ele ouvira. Certamente, uma inédita sinfonia, para uma plateia solitária, Aracê apenas testemunhava a estreia do espetáculo da noite misteriosa.

O público de assento único ficou estupefato, a reação de Aracê foi de grande surpresa, ficou parado ali, observando o que mais chamaria sua atenção. Algo brilhou no seu olhar, uma luz no riacho... uma luz no meio do riacho naquela escuridão, mobilizou o pequeno índio. Aracê levantou da pedra e, teve seus olhos atraídos na direção do foco, na beira das silenciosas águas do estreito rio. Era uma grande e perfeita abertura prateada, iluminada, no véu negro da noite escura. Aracê soltou sua lança, desarmou-se a tão grande mistério e ajoelhou-se, sentiu-se extremamente pequeno, rendeu-se à luz no meio da noite. Depois de passado o primeiro impacto, ficou ali contemplando admirando, a janela circular, clara no meio do teto escuro sem fim. Naquele momento, teve a certeza que, por detrás daquele véu, véu escuro desvendado pela janela tão clara, por detrás da noite era tudo dia, era tudo luz, então pensou: - Atrás dessa janela é tudo luz do Sol? Assim, passou a noite a admirar aquela janela de luz tão perfeita, forma de conversar com o Sol e clarear seus pensamentos em busca de encontrar respostas e voltar com as novidades para a sua Aldeia no tempo previsto de seis anos. Para ele, não havia tempo a perder diante de tão grande mistério. Janela de Luz no meio do escuro da noite! Que achado!

Despertado pela luz na noite, por conta da sua busca das explicações do céu, Aracê passou alguns dias dormindo metade do dia e acordado metade da noite, e percebeu o movimento daquela janela. Percebeu ainda que a janela de luz fechava com o passar dos dias, a um ponto em que desapareceu. Aracê ficou triste – tantas noites pensando e vendo uma forma de mostrar para si e para sua tribo que a noite não é tão escura assim, que há luz – mas agora o véu da escuridão tornou-se sólido. Não havia, portanto, nenhum acesso à luz, pensou até que seria parte da sentença do Pai Sol, buscava mais explicações, e agora ainda mais, porém, desta vez, acompanhado por uma nostalgia. E assim, Aracê adormeceu. Em sonho, o menino, com sua lança na mão, saiu gritando ao escuro céu o nome Luz. Outras vezes chamava o nome Lua, que até então não tinha ouvido em outro lugar. Em determinado momento no sonho, apontou sua lança para o tecido escuro da noite, e lançou sua arma pontiaguda, de ponta estrelada, naquele aparente infinito véu... A lança furou o véu e um pequeno ponto de luz apareceu. Neste momento Aracê acordou atordoado, era o nascer do dia.

Despertado agora pela luz do Sol, Aracê, aproveitou para dar conta do plantio dos seus alimentos e ver se achava algum peixe no riacho, e entre uma atividade e outra, a vivência do sonho lhe visitava novamente a imaginação, não lhe saía da cabeça a possibilidade de conseguir furar o céu. As horas demoraram a passar, o dia ficou mais longo, afinal, hoje, Aracê nasceu com o Sol. Aproveitou o tempo para construir um arco e flecha, inspirada no seu sonho de atingir o véu da noite e transformá-lo em dia, mesmo que aos poucos, em pequenos rasgos de claridade. Perto do momento do pôr do Sol, sentou-se na pedra defronte da sua oca, pegou sua lança e começou a afiá-la, pensando nela no Além da escuridão.

Naquele dia, pela falta da janela de luz, parecia que o volume dos bichos havia aumentado, apesar de instigado a caçar, o alvo de Aracê não era nenhum deles, era o véu negro do céu, que estava a se instalar acima da sua cabeça, a tão temida noite para sua tribo, que teria o início do seu fim. A começar d’agora! E assim, Aracê apontou sua grande e afiada lança para o céu, a lança de ponta estrelada, rasgou em pequeno ponto, e a luz apareceu! Sim, o sonho de Aracê virou realidade. Continuou a atirar ao céu e, na medida em que o denso tecido era atingido, outros pontos de luz apareciam. Aracê percebia que possivelmente o manto escuro estava mais próximo em determinados lugares onde os pontos de luz abriam-se mais, e os rasgos na forma da ponta de sua lança adornavam o céu de forma mais intensa. Esvaziava a escuridão, e assim continuou a atingir o alvo celeste por toda a noite e, por exaustão, foi tomado por sono profundo.

Ele não chegou a contar quantos pontos de luz no céu fez nascer, mas agora tinha uma meta definida e se sentiu responsável pelo árduo trabalho de trazer luz à noite, já que a janela de luz sumira sem uma explicação lógica dentro do seu pensamento. Aracê já sabia: quando voltasse à sua tribo, viria com a certeza de que, quando o objetivo é a Luz, não há escuridão que assuste ou atrapalhe, a Luz deve ser sempre a busca, ela aparecerá na noite.

Alguns dias depois, após o início do fim da noite, do surgimento dos pontos estrelados no céu escuro, Aracê, na sua rotina já definida de furar o tecido celeste, com o arco na mão e em posição de lançamento, se surpreende com uma fina luz em janela entreaberta: Lua! Exclamou naturalmente o nome daquela Luz tão presente, estreita abertura à claridade numa vastidão tão imensa de escuridão... Lua. Naquele dia, Aracê deixou as armas, deitou no chão e percebeu durante a noite o movimento da Lua e dos pontos estrelados que a acompanhavam, afinal, era sempre a mesma distância entre a majestosa

janela de Luz e os rasgos feitos por ele no céu. E assim adormeceu, e sonhou.

Sonho que lhe trouxe sua mãe – sonhou que sua mãe fez um pedido ao Pai Sol, Deus da Luz, que seu filho Aracê não ficasse desamparado na noite, que o Sol permitisse que uma janela de claridade fosse aberta na escuridão do céu para o filho receber o seu Amor, o Amor de sua mãe, e que este de alguma forma lhe servisse de orientação... Aracê acordou chorando, ao nascer do dia.

Despertado pela Lua, Aracê, percebeu que o local de nascimento do Sol era o mesmo local do nascimento da Lua. A cada dia Aracê aprendia, e não só pensava em atirar ininterruptamente ao véu da noite escura, queria saber mais, e naquela noite, ao encontrar a luz da Lua, agradeceu emocionado à sua mãe. E assim como reconhecia seu Pai como o Sol, a partir daquele momento, tinha a Lua como sua Mãe, que zelava por sua vida durante a noite e trazia orientação com o seu movimento, juntamente com os pontos de luz que a acompanhavam. O desenho do céu e as fases da Lua já traziam a Aracê grandes mistérios da Vida, percebia a mudança na natureza em ciclos periódicos, e assim o pequeno índio continuava a viver intensamente a cada dia e a cada noite, enfeitando o céu com pontos de luz.

Aracê continuou vivendo e observando cada vez mais a natureza, sua casa, com olhar mais apurado, relacionando o crescimento das plantas, plantio e colheita, com o movimento da Luz no céu, e com a intensidade da luz da Lua, diferentes fases... havia modificação no comportamento das águas, tudo mudava na atmosfera da noite quando a rainha do céu estava a iluminar.

Os anos passaram-se e, com o trabalho dedicado do jovem índio, diversas outras estrelas surgiram no céu. Aracê teve consciência de sua missão, teve consciência da importância da sentença, e tudo explicou-se pelo simples fato dos acontecimentos terem todos o mesmo sentido e único objetivo: A Luz. Chegou o dia em que voltaria para aldeia, e ele sabia que era o dia, pois contou os ciclos da Lua cheia. Não é tão simples contar os dias quando se vive apenas entre o nascer e o pôr do Sol. Com toda sua vivência em busca da Luz, Aracê deixou para trás o pequeno lugar que transformou em grande observatório de sabedoria, onde tomou consciência de que a noite é importante, porque sem a noite não poderia ver e sentir a sua Mãe, poderia sentir e perceber a Lua, luz mansa na escuridão.

Aracê chegou na sua Aldeia, Tribo do Sol, e viu que não havia mudado muita coisa. Seguiu para a oca de sua família, onde encontrou sua querida mãe, que toda noite fazia orações ao Pai Sol, Deus da Luz, para que a luz, mesmo na noite, estivesse presente na vida de seu filho. Aracê abraçou e agradeceu a sua mãe, e contou sobre a Lua, sobre a Mãe de todos, disse que iria conversar com o ancião para que a tribo que achava que seguia o Sol sáísse da escuridão da noite e entendesse que há mistérios além do nascer e pôr do Sol, que a tribo deveria saber e ter consciência para viver em prosperidade, para entender o movimento do céu, além dos nossos olhos.

Assim o fez. Aracê sabia que no final daquele dia era noite de Lua cheia, e após contar parte de sua história ao ancião, e falar da Lua e das estrelas, rasgos de luz criados por ele, pediu ao ancião que toda a tribo ficasse no centro da aldeia, e se houvesse algo que colocasse em risco aquela pequena tribo de índios, ele entregaria sua vida a sacrifício. O ancião concordou pelas explicações que foram dadas por Aracê, e então todos os índios foram informados do momento que estava a chegar.

Em confiança à autoridade do ancião, todos sentaram-se em círculo no centro da Aldeia, e esperaram o pôr do Sol. Assim que o Sol se pôs, o manto da noite cobriu a aldeia, havia uma certa tensão no olhar dos índios que estavam fora de seus abrigos, assim, tão perto da tão temida noite. Começaram a aparecer os pequenos furos de luz no teto celeste, esses já eram motivos para uma grande surpresa dos índios da Tribo do Sol. Ao olhar o desenho das estrelas no céu, Aracê já sabia que a Lua estava a nascer, então, no centro do grande círculo formado por seus irmãos de tribo, disse: - Sabemos nós que o nosso Pai é o Sol, e para todos que achavam que a noite é apenas escuridão, eu apresento-lhes a nossa Mãe! Neste momento, eis que surge no sentido contrário ao pôr do sol, sobre a ponta da mão de Aracê, a Lua! Daquele jeito tão majestosa, não havia quem discordasse, todos os índios da Aldeia ajoelharam-se e saudaram, em sinal de respeito e gratidão, a Mãe de todos. Assim, na noite, sob a luz da Lua, a tribo ouviu muitas histórias da vivência, todos os ensinamentos do pequeno grande Aracê, de nome que significa nascer do dia, e que trouxe a consciência da luz da Lua para aquela tribo que vivia sob o manto do medo, medo da escuridão.

Dali em diante, houveram muitas mudanças na Tribo do Sol, os plantios e as colheitas seguiram o calendário lunar, e a aldeia seguiu em prosperidade. Surgiu a festa da Lua, comemorada todo ano, a cada 12 luas cheias do dia em que Aracê trouxe a Luz na Noite. O ancião declarou Aracê o Índio de maior sabedoria dos mistérios da natureza, conselheiro da Aldeia, conhecedor dos mistérios da Lua e da Prosperidade.

Até hoje, depois de muito tempo da existência de Aracê, se vê estrelas cadentes, nada mais que tentativas de jovens índios que se espelham na história de Aracê, no objetivo de furar o céu, o véu negro da noite. Mas apenas arranham, sem saber eles que esta missão foi exclusiva do pequeno grande índio, de nome nascer do dia, Aracê, nasceu o dia no meio da noite! (FIM)

SONHO COM CHEIRO DE FLOR

©DANIELE FARIA TEIXEIRA SAMPAIO VILAR (MUCUGÊ-BA)

Uma senhora centenária andava por entre os cômodos da sua ampla casa, parecia que era só mais um dia de passeio calmo da avó com sua pequena e querida neta, diferença de quase um século de história que se encontrava em profunda e harmoniosa afeição. Estavam elas de mãos dadas passando por entre os vãos da casa de pé direito alto. Para pequena menina parecia até que não existia teto e aquele lugar tão agradável de sua avó parecia que continha o céu. A menina sentia-se ali tão segura e amada, tendo suas mãos abraçadas por uma vida tão antiga, que abria-se um mundo de possibilidades onde só o sentimento de Amor vivia, nada mais. Passaram em lugares secretos, e ali estavam, a avó, carregada de tempo, de momentos, de paisagens, memórias condensadas numa pequena joia guardada, e ela, a neta, campo de flores alegres, a ser percorrido. Menina, tão pequena e tão cheia de esperança. Ela, a senhora, respirava aquela doce atmosfera, de modo que esta não fosse diluída pelo tempo. Andava compassadamente com a energia que ainda lhe restava, contida naquela matéria tão vivida, tão consistente. Percorreu por seu jardim de inverno pela última vez, ela já sabia do seu destino, então, degustava de cada passo ao lado de sua menina. Subia devagar os degraus que a levaria ao seu leito, ao mesmo leito onde sonhara tantas vezes com o campo de lavandas, e que seria agora a porta de despedida de uma existência. A avó se deita, em poucos minutos, pensou na vida em que viveu, nos tantos momentos de busca do amor, na história de tantas linhas escrita por seu punho... Estava ela ali, com suas mãos marcadas das tantas colheitas feitas em seu largo jardim, tocava as mãos, os cabelos de sua pequena que parecia que sorria com o brilho do nascer do dia e disse: - Adeus minha menina, sentirei saudade, a você, o meu mais puro sentimento! Deus lhe abençoe! Antes do momento final, entregou às mãos vivas e inocentes, o seu tesouro colhido em um século, em muito mais de um século, seu Amor. Amarrou o fio da saudade no coração da menina e fechou os olhos, e voou em suas memórias - quanta coisa se guarda em espaço que não se vê, quanta história e quanto sentimento cabe em coração, este, que não se vê sempre por raios claros de Sol. Em espaço e tempo que não se mede - não se sabe quanto tempo se passou nos relógios dos homens - guiado pelo perfume, dos campos de lavandas, dos cabelos de sua menina, o fio da saudade estreitou a distância entre os dois corações e neste momento, os olhos se abriram, os olhos daquela que foi avó e a vida que vivia em centenário na existência que se passou, colhe novamente o amor no colo quente de uma mulher que foi menina, que agora é mãe com cheiro de flor. (FIM)

UM HOMEM PESCANDO NUM CAIS

©DANIELE FARIA TEIXEIRA SAMPAIO VILAR (MUCUGÊ-BA)

Edo nada, me veio uma imagem - um homem pescando num cais, em noite estrelada refletida no mar calmo - uma bela imagem. Onde ela queria me levar? Que sentimento me faria visitar? Seria melhor descer pela linha de pesca e mergulhar nos mistérios profundos do mar? Ou seria melhor subir aos pontos reluzentes do vasto céu e voar em imensidão? Tudo tão largo e ilimitado aos meus olhos, para quem então tentar limitar em palavras estreitas? Pensei, portanto, que desta vez a imagem apareceu apenas para ser contemplada, ela se bastava por ela mesma, em sua simetria e perfeição. Admirei como num breve passeio, a sua arte, como uma obra exposta em parede de museu, superficialmente apenas, sem maiores devaneios, desta vez não precisaria expressão alguma de minha parte para tentar explicar o que a imagem queria me dizer, mas não, além das profundas águas e do teto de estrelas sem fim em tela, havia um pescador, que certamente guardava embaixo do seu chapéu algo mais, além dos fios de cabelos descoloridos pelo tempo. Então, o que fazia ali sozinho? Estava em silêncio, seu coração? Elucidou-se então uma forma de extrair uma vivência da imagem emoldurada em meu pensamento, havia então uma chance de acessar o que realmente ela, a imagem, queria me dizer, e certamente, ele, o pescador, de alguma forma, me diria. Então, imaginei, volatizei-me, entrei na imagem, senti a temperatura do tempo, a imagem tornou-se presente, brisa da beira do mar era o que me fazia dar conta de mim, o que me fazia saber até onde era eu e até onde era brisa, virei ar e pela inspiração, entrei no seu mundo, percorri as vivências do pescador. Viajei por suas memórias, estive naquela ilha rodeada de salgadas lágrimas, vi quando ele lançou daquele pedaço de terra seus tormentos, em maré vazante e em noite de Lua nova. Visitei um tempo, em que seu coração era chão de solo rachado pelo Sol ardente, chão que esperava a água que cessaria sua sede, passei por tempo em que ele vivia olhando o azul do céu esperando rever seu amor em voo da gaviota branca, vi quando a maré encheu, e pensei - o que é a maré,

senão o pulsar da vida, propulsão do ir e vir das dores, do ir e vir dos amores? Acessei seus pensamentos e por trás de suas janelas pude ver pelo seu olhar. Singular modo de traduzir a luz por vitrais tão peculiares. Apesar de ser noite estrelada, quase monocromática, através do seu olhar, matizes de cores compunha uma realidade única, ali, na beira do cais, do seu cais que o comportou tantas vezes em diferentes tons, dores, vitórias e travessias, e amor, cais onde sua amada o esperou, tantas e tantas vezes. Certo momento causou-me até espanto a intensidade da vida de um pescador aparentemente tão harmonizado a um cenário pacífico e bucólico. Apesar de idade mais avançada, de acumuladas experiências, tudo aquilo que já havia passado por seus dias, ainda habitava seu coração. Senti que precisava sair de sua atmosfera urgentemente, afinal, a linha era muito tênue entre o que era eu e o que era ele, sua densidade já me envolvia, voltei pela expiração, me despedi da brisa da beira do mar, ela que desenhava etereamente o limite do meu ser dentro daquela imagem tão destinada a um viver, imagem cheia de vida. Voltei a mim, precisava me recompor até o momento de olhar novamente a imagem, de fora, como me foi dada. Somou-se a meus olhos nova perspectiva, conheço agora o sentimento do pescador, vida embaixo de um chapéu, além dos fios de cabelos descoloridos pelo tempo. Eu, que não encontrava palavras para descrever a imagem por existirem estrelas - uma representação da imensidão intangível do universo - e seus reflexos nas misteriosas águas do mar, expresso agora minha própria vivência em terra de pescador. Na vida do pescador, o pescador da imagem - um homem pescando num cais, em noite estrelada refletida no mar calmo - continha muito além da imagem, continha todas as estrelas que se podia ver do cais, e todas as estrelas que testemunharam sua trajetória, continha a história do cais, os peixes pescados nas misteriosas águas salgadas que refletiam a luz da noite e todas as ondas do mar que foram navegadas, no seu coração cabia a sua amada, e as tantas e tantas vezes que ela o recebera, cabia todas as pratas do luar que iluminaram noites solitárias, todas as marés, cabia toda uma história. Na imagem, então, havia sim as tão profundas águas sob teto de estrelas sem fim, cenário da vida de um homem que abarcava o próprio cenário em seu ser. Mas há um elemento na imagem que me diz algo mais, pescador está a pescar, portanto, escore por sua linha de pesca, esperança de mais vida, continua a pescar a vida nas estrelas refletidas nas águas do mar. Sou grata, ao senhor, pescador, pois de uma simples e silenciosa imagem, me fez encontrar estrelas por fina linha de pescar. (FIM)



DANIELE FARIA TEIXEIRA SAMPAIO VILAR

Data de nascimento: 1976

Naturalidade: Salvador-BA

Residência: Mucugê-BA

Formação: Bióloga

Atuação profissional: Gestora de projetos, trabalha na sociedade civil organizada.

Experiências literárias e artísticas: Militante ambiental, da arte e cultura e musicista, e está nessa terra querendo cultivar o Amor, aprofundou mais na arte da escrita e na composição e execução de músicas.